

# New Clipping

<b>Veículo</b> JORNAL DO BRASIL - RJ	<b>Data</b> 19.03.92	<b>Pág.</b> 6	<b>Seção</b> CADERNO B
---	-------------------------	------------------	---------------------------



Marcelo Theobald

Iole expõe no Paço obras criadas com telas, chapas e vergalhões de metal

## Entre a tensão e a torção

**N** MARÍLIA MARTINS  
A hora de citar alguma fonte de inspiração para a exposição de esculturas que inaugura hoje, às 20h, no Paço Imperial, a mineira Iole de Freitas balança a cabeça e arrisca um nome: Aleijadinho. E para quem se espanta em associar seus volumes equilibradamente desconjuntados com as estátuas dos profetas das igrejas de Ouro

bolsa da Fundação Vitae e conseguiu reunir, somando um patrocínio da Shell, os recursos financeiros de que precisava para realizar esta mostra, que fica no Paço até 30 de abril. Cada lâmina de cobre custa, hoje, em torno de Cr\$ 200 mil. Por isso, foi preciso que a artista plástica se adestrasse duplamente, no trabalho artesanal e na economia de materiais.

Iole mudou seu processo de trabalho, desenhando cada uma das

dobrado, guardando em suas dobras, na sua trama de fibras, os movimentos do sono". Como a própria Iole reconhece, seu trabalho está numa dança intermediária, entre a tensão e a torção. Nos tempos que correm, talvez não haja mesmo melhor definição para a beleza: o equilíbrio é precário, mas a delicadeza ainda é possível.

■ **Desenhos, gravuras e fotografias assinadas por nomes como Marc**

5 8 0 - 5 5 2 2

Classificados JB

LEITÃO CASA GRANDE 25 ANOS  
entregamos a domicílio tel.: 222-6955  
Portobello @gradiente JORNAL DO BRASIL  
TEL: 239-40

... excelente  
... e direção inexistente.  
... descobertas. Susos previsíveis,  
... artistas são atacados por uma  
... de 85. Cor (84 min). Na An-  
... y Esley e Bill Gray. Produção  
... A Hoye. Com Mante van Do-  
... barato. (The night monsters)  
... 30  
... TROS DA NOITE  
... da experiência. ★ ★  
... reciosas e assassinas. E aca-  
... riente Médio, com traficantes  
... (Zimbabist) se envolve por



# New Clipping

Veículo	Data	Pág.	Seção
JORNAL DO BRASIL - RJ	19.03.92	6	CADERNO B



Marcelo Theobald

Iole expõe no Paço obras criadas com telas, chapas e vergalhões de metal

## Entre a tensão e a torção

**N** MARÍLIA MARTINS

A hora de citar alguma fonte de inspiração para a exposição de esculturas que inaugura hoje, às 20h, no Paço Imperial, a mineira Iole de Freitas balança a cabeça e arrisca um nome: Aleijadinho. E para quem se espanta em associar seus volumes equilibradamente desconjuntados com as estátuas dos profetas das igrejas de Ouro Preto, ela avisa que, aos 46 anos, depois de 17 anos de carreira, descobriu que é "tão barroca quanto Aleijadinho". A aproximação é talvez tortuosa. Mas não são apenas as linhas irregulares o que Iole reconhece como semelhança. Há uma organização milimétrica que se estrutura, trabalhosamente, sobre o contraste de pólos opostos. Como as estátuas de Aleijadinho, os grandes formatos de Iole não perdem flexibilidade, o caos aparente se rege por uma estranha harmonia interna de movimento e cores. Há uma vontade criativa que, em meio à desordem, se revela calculadamente construtiva.

A mostra reabre o Paço Imperial depois de um período de reformas. A casa volta a uma tradição importante: dar lugar a grandes nomes das artes plásticas brasileiras. Ali estão reunidas nove peças, feitas de materiais como vergalhões e telas de cobre, estanho, ferro, latão e aço inoxidável. Elas são resultado de um trabalho penoso, feito ao longo dos últimos dois anos, que custou a Iole alguns dolorosos nós, pinçamentos de nervos da coluna (ela agora trabalha sob orientação médica). No ano passado, a artista plástica ganhou uma

bolsa da Fundação Vitae e conseguiu reunir, somando um patrocínio da Shell, os recursos financeiros de que precisava para realizar esta mostra, que fica no Paço até 30 de abril. Cada lâmina de cobre custa, hoje, em torno de Cr\$ 200 mil. Por isso, foi preciso que a artista plástica se adestrasse duplamente, no trabalho artesanal e na economia de materiais.

Iole mudou seu processo de trabalho, desenhando cada uma das dobras que compõem suas esculturas, calculando o peso, a trajetória e o sistema de apoio nos vergalhões. Tudo para evitar desperdícios. "Vivemos um tempo de crise, mas ninguém pode se dar ao luxo de se deixar imobilizar", comenta Iole. "As artes plásticas brasileiras têm demonstrado um padrão de qualidade impressionante, resultado de um processo criativo tão intenso que a linha evolutiva já se tornou autônoma, realizando-se mesmo à revelia do caos econômico que a circunda."

Esta é a primeira exposição de Iole no Rio depois de atravessar a intensa polêmica em torno de sua administração à frente do Instituto Nacional de Artes Plásticas (INAP), acusada de privilegiar apenas artistas conceituais. Para quem iniciou sua carreira nos anos 70, usando como material de trabalho fotografias e rolos de filmes, Iole mantém uma notável fidelidade a si mesma, na corda bamba entre o gestual e o cálculo. Para o crítico Paulo Venâncio, o trabalho de Iole exposto no Paço "é como o tecido de um vasto lençol que se amarrotou durante a noite e na manhã seguinte é novamente des-

dobrado, guardando em suas dobras, na sua trama de fibras, os movimentos do sono". Como a própria Iole reconhece, seu trabalho está numa dança intermediária, entre a tensão e a torção. Nos tempos que correm, talvez não haja mesmo melhor definição para a beleza: o equilíbrio é precário, mas a delicadeza ainda é possível.

■ **Desenhos, gravuras e fotografias assinadas por nomes como Marc Ferrez, Augusto Malta, Debret e Hugo Leal. Isto é o que promete a exposição *Pelas ruas e calçadas — ontem e hoje, que começa hoje, às 18h, no Museu Histórico Nacional (Praça Marechal Âncora, no Centro). A idéia é contar, por meio dessas imagens, a história do comércio informal ambulante em diversas cidades brasileiras, do século 19 aos nossos dias. No rastro das origens dos camelôs, por exemplo, a exposição percorre uma longa linhagem de profissões, do mascate ao amolador de facas, passando pelas baianas vendedoras de quitutes e pelos comerciantes de quiosques. A primeira parte traz imagens de Debret que mostram os "escravos de ganho", aqueles a quem os senhores davam autorização para vender quitutes de porta em porta. Esses senhores dividiam os lucros deste comércio com os escravos, permitindo-lhes a acumulação de dinheiro bastante para comprar a própria alforria. Na segunda parte, nas fotos de Malta e Ferrez, aparecem os imigrantes europeus, vendendo miudezas, alimentos e até jornais, para sobreviverem no Novo Mundo. E na última parte, as fotos de Hugo Leal retratam os camelôs que superlotam o Rio de hoje.***